

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n2e26054>

Professora Marianna Augusto, “escolhida por Deus” e ligada à ciência: contribuições para a criação da primeira creche universitária do Brasil (1940-1970)

Teacher Marianna Augusto, “chosen by God” and linked to science: contributions to the creation of the first university children daycare center in Brazil (1940-1970)

La profesora Marianna Augusto, “escogida por Dios” y vinculada a la ciencia: aportes a la creación de la primera guardería universitaria de Brasil (1940-1970)

Rosana Carla de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1658-8729>

Claudia Panizzolo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3693-0165>

Resumo: Marianna Augusto nasceu no dia 08 de fevereiro de 1921 em Botucatu, cidade do interior paulista. Foi aluna da Escola Paulista de Enfermagem (EPE), na década de 1940, instituição na qual se tornou professora e com a qual manteve vínculos profissionais e afetivos até seus últimos dias de vida. Especializou-se em Puericultura na França e Suíça e, no Brasil, foi responsável pela abertura de uma creche para atendimento dos filhos das estudantes e das professoras do curso de Enfermagem, chamada Comunidade Infantil, futuro Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e, pela implantação do programa de Pós-Graduação de Enfermagem Pediátrica e Puericultura na EPE. Dizia ter sido “escolhida por Deus” para a realização desse trabalho. Estudiosa e ligada às questões das crianças e das mulheres, pôde enviar jovens para estudar no exterior por meio de sua rede de sociabilidade e, também, elaborou manuais para a prática da puericultura associada às questões educacionais. O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre a professora, enfermeira, intelectual Mariana Augusto e seu papel, sobretudo, para a criação da Comunidade Infantil, cuja finalidade era a de resolver o problema de algumas mães trabalhadoras que precisavam de um local seguro para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Como procedimentos de pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas e, as fontes foram analisadas sob a categoria de memória social que compreende as memórias como construções que expressam questões identitárias, a partir de quadros sociais.

Palavras-chave: Escola Paulista de Enfermagem; Comunidade Infantil; profissionalização das mulheres; memórias; creche.

Abstract: Marianna Augusto was born on February 8, 1921, in Botucatu, a city in the interior of São Paulo. She studied at the Escola Paulista de Enfermagem (EPE) during the 1940s, where she later became a professor and maintained professional and emotional ties until the end of her life. She specialized in Childcare in France and Switzerland and was responsible for establishing a daycare



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

center to care for the children of students and faculty in the Nursing program. This center, called Comunidade Infantil, would later become the Early Childhood Education Center of the Federal University of São Paulo (Unifesp). She also contributed to the implementation of the Postgraduate Program in Pediatric Nursing and Childcare at EPE. Marianna often said she had been “chosen by God” to carry out this mission. A committed scholar engaged with issues concerning children and women, she used her social network to support young students studying abroad and also wrote manuals on childcare practices, linking them to educational concerns. The aim of this article is to examine the trajectory as a professor, nurse and intellectual Mariana Augusto, while they worked. The research methods included semi-structured interviews, and the sources were analyzed through the lens of social memory, which views memories as constructed expressions of identity shaped by social frameworks.

Keywords: Paulista School of Nursing; Children's Community; professionalization of women; memories; daycare.

Resumen: Marianna Augusto nació el 8 de febrero de 1921 en Botucatu, ciudad del interior de São Paulo. Fue alumna de la Escola Paulista de Enfermagem (EPE), en la década de 1940, institución donde se convirtió en docente y mantuvo vínculos profesionales y afectivos hasta los últimos días de su vida. Se especializó en Puericultura en Europa, fue responsable de la apertura de una guardería para atender a los hijos de estudiantes y docentes de la carrera de Enfermería, denominada Comunidad Infantil, el futuro Centro de Educación Infantil de la Universidad Federal de São Paulo (Unifesp), para la implementación del Programa de Postgrado en Enfermería Pediátrica y Puericultura de la EPE. Dijo que fue “elegida por Dios” para realizar este trabajo, estudiosa y vinculada a la problemática de la niñez y la mujer, pudo enviar jóvenes a estudiar al exterior a través de su red de sociabilidad, y también creó manuales para la práctica del cuidado infantil asociado a temas educativos. El objetivo de este artículo es realizar un estudio sobre la docente, enfermera, intelectual Mariana Augusto y su papel, sobre todo, en la creación de la Comunidad Infantil, cuyo objetivo fue resolver problemáticas de algunas madres trabajadoras que necesitaban un lugar seguro donde dejar a sus hijos mientras trabajaban. Como procedimientos de investigación, se realizaron entrevistas semiestructuradas, las fuentes fueron analizadas bajo la categoría de memoria social, que entiende los recuerdos como construcciones que expresan cuestiones identitarias, a partir de marcos sociales.

Palabras clave: Escola Paulista de Enfermagem; Comunidade Infantil; profesionalización de las mujeres; recuerdos; guardería.

1 Introdução

Marianna Augusto nasceu em 08 de fevereiro de 1921, na cidade de Botucatu, interior paulista, e faleceu em 08 de setembro de 2020, em São Paulo, capital. Chegou à capital, no ano de 1940, para estudar na Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP)¹. Especializou-se em Pediatria e Puericultura na *École de Puericulture de Faculté de Medicine de La Université de Paris*. Foi aluna de Jean Piaget nos anos de 1955 a 1956, quando estudou na Suíça e também, fez cursos na Áustria e nos Estados Unidos, todos com bolsa de estudos e incentivos da Escola Paulista de Medicina (EPM) (Pereira; Carmagnani; Silva, 2010).

A intenção neste artigo, é apresentar um estudo sobre a professora, enfermeira e intelectual Mariana Augusto e seu papel, sobretudo para a criação da

¹ A Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo foi fundada em 1939, funcionou com este nome até o ano de 1968, quando passou a ser chamada de Escola Paulista de Enfermagem. Em 1977, foi incorporada à Escola Paulista de Medicina (Gallian, 2008).

Comunidade Infantil em 1971, primeira creche universitária brasileira, cuja finalidade era a de resolver problemas de algumas mães que precisavam de um local seguro para deixar seus filhos enquanto trabalhavam (Oliveira, 2019). A trajetória de Augusto esteve estreitamente ligada à história da Escola Paulista de Enfermagem (EPE) e à profissionalização de mulheres.

Sobre a profissionalização das mulheres, Weinstein (1995) trabalhou com a categoria histórica mulher trabalhadora, ressaltando dois papéis antagônicos que as mulheres exerciam em meados do século XX: o primeiro, considerado legítimo, o de dona de casa; o segundo, tido como marginal, de mulher que trabalhava fora de casa e por dinheiro. Em uma sociedade patriarcal, dos e para os homens nasceram vários movimentos feministas², bastante diversos entre si. Dentre eles o *Movimento de Mulheres de Luta por Creches* (Rosemberg, 1984). Naquele momento, a creche se tornava elemento fundamental para que mães que atuavam como profissionais da Escola Paulista de Enfermagem e da Escola Paulista de Medicina pudessem exercer funções remuneradas fora de seus lares e que as alunas da Enfermagem pudessem continuar seus estudos.

A professora Marianna Augusto desempenhou importante papel na criação da Comunidade Escolar, impulsionou a criação de creches em outras universidades, ao longo da década de 1970, pela oferta de formação acadêmica às jovens mulheres, bem como por sua dedicação à EPE e produção acadêmica na área da Enfermagem. De suas produções, destacam-se a tese de doutorado Conhecimentos populares a respeito da alimentação infantil, das mulheres que frequentam os serviços de higiene pré-natal e higiene infantil do ambulatório da Escola Paulista de Medicina (1972), Enfermeira pediatra em terapia intensiva (Augusto; Noda, 1978), Comunidade Infantil Creche (1979), Experiência de integração docente assistencial na área de pediatria social desenvolvida em uma comunidade da periferia de São Paulo, abrangendo assistência, ensino e pesquisa (1983), Análise das linhas de pesquisa utilizadas na pós-graduação de enfermagem da E.P.M (1984), Comunidade Infantil Creche (1985), O conhecimento da pesquisa científica e a prática de Enfermagem (1986),

² A partir de 1975, com a criação pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Ano Internacional da Mulher, foram organizados núcleos de organizações feministas, que deram origem aos movimentos feministas e movimentos de mulheres. Dentre os demais movimentos, as mulheres e mães da classe trabalhadora se uniram para reivindicar, junto às autoridades, creches no local de trabalho. O Movimento de Luta por Creches foi oficialmente criado em 1979.

Conhecimentos e opiniões de enfermeiras que trabalham no município de São Paulo a respeito de alguns aspectos do planejamento familiar (Augusto; Noda; Silva,1988), A importância da pesquisa em Enfermagem (1990), Anais do 1º Seminário Sul-Americano de pesquisa em Enfermagem nas áreas de saúde da mulher e da criança (Augusto; Noda; Naganuma,1990).

Como proceder num estudo a respeito dessa mulher, enfermeira, professora, intelectual? Buscou-se em Sirinelli (1996) uma melhor compreensão acerca do termo intelectual. Em artigo intitulado *Os intelectuais*, o autor apresenta tanto o caráter polissêmico da definição quanto o aspecto polímorfo do meio intelectual, que provoca imprecisão no estabelecimento de critérios definidores da palavra, além, é claro, da evolução gerada pelas próprias mutações societárias. Assim, defende “[...] a definição de geometria-variável, mas baseada em invariantes” (Sirinelli, 1996, p. 242), apresentando para tal duas acepções do termo intelectual. A primeira, de caráter mais amplo e sociocultural, abrange os criadores, ou seja, todos os que “[...] participam na criação artística e literária, ou no progresso do saber” (Sirinelli, 1998, p. 261), e os mediadores culturais, categoria composta pelos que “[...] contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber” (Sirinelli, 1998, p. 261). A segunda acepção, de caráter mais restrito, refere-se à noção de engajamento na vida da cidade como autor, através da intervenção do intelectual em questões que a legitimem ou privilegiem, tomando-as a serviço das causas que defende.

Embora bastante operacional, é preciso, no entanto, evitar o estabelecimento de fronteiras rígidas entre os criadores e mediadores culturais. Como nos alertam Gomes e Hansen (2016), a distinção não reside entre os sujeitos que são criadores e os que são mediadores, que, aliás, podem inclusive desempenhar simultaneamente as duas funções, mas sim entre “[...] as práticas culturais e os projetos políticos com os quais um intelectual (individualmente ou em grupo) atua em determinado contexto, constantemente de forma múltipla” (Gomes; Hansen, 2016, p. 27). Importante também é pensar as transferências promovidas pelos mediadores culturais. Tomou-se de empréstimo as contribuições de Gomes e Hansen (2016) para romper com as dicotomias e hierarquias entre os polos da transferência, ou seja, entre

os polos que estão sendo aproximados, ainda que caracterizados como distintas nações, línguas e costumes culturais. Segundo as autoras:

[...] as operações de transferência ou mediação cultural, ao fazerem comunicar entre si esses polos, estão “misturando ou mestiçando” seus elementos e sentidos e, de tal maneira, criando novos sentidos integrantes de um terceiro produto/ código cultural, que não é mais nenhum daqueles outros dois (Gomes; Hansen, 2016, p. 32).

Pensando especificamente na atuação de Marianna Augusto, trata-se menos de buscar a importação de práticas e condutas da Europa, e mais da transferência, passagem ou mediação cultural como criação de algo novo, intercultural, um compósito de marcas e traços culturais, constituído a partir da formação escolar, cultural, religiosa e profissional, que produziram um terceiro elemento, a publicação de um livro destinado a mulheres que trabalhavam cuidando de bebês e crianças pequenas em creches.

Em levantamento bibliográfico realizado foi localizado o texto *Memórias de Marianna Augusto: um cabedal infinito*, em que Oliveira (2022) apresenta a homenagem quando da criação da creche. Outras produções reconhecem sua relevância na área da educação das mulheres e das crianças, tais como as de Barbieri e Rodrigues (2010), Silva (2022), Oliveira (2019, 2021, 2022a, 2022b), Oliveira; Panizzolo (2020, 2023), Oliveira; Costa (2022) e Panizzolo (2022).

Este estudo se insere na perspectiva da História Cultural, segundo a qual objetos, signos e iconografias são reconhecidos como fontes de investigação, portanto além dos documentos escritos, superando a escrita da história de base cronista ou memorialista e baseada em fontes consideradas oficiais. Derivada de pesquisa realizada em dissertação de mestrado³ foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas residências das professoras Marianna Augusto⁴ e Aparecida Mâncio⁵, em tardes muito agradáveis. As questões eram lançadas e muitas vezes objetos e imagens

³ Projeto de Pesquisa aprovado no Comitê de Ética em Pesquisas (CEP/UNIFESP) sob o Parecer nº 1.559/2017, na data de 01 de fevereiro de 2018.

⁴ Marianna Augusto - entrevistada em 1º de fevereiro de 2018 e 24 de fevereiro de 2018.

⁵ Aparecida Mâncio - Enfermeira Especialista em Pediatria e Puericultura responsável pela disciplina de Enfermagem Pediátrica da EPE, professora do Curso de Pós-Graduação e Especialização em Enfermagem Pediátrica. Fez Pós-Graduação em Pediatria e Mestrado em Paris. Além de colega de trabalho nutria relações de amizade com Marianna Augusto. Foi entrevistada em 24 de fevereiro de 2018 (Oliveira, 2019).

foram apresentados para ajudar na rememoração. Por duas vezes, as entrevistadas entraram em contato com a pesquisadora e solicitaram a retomada da entrevista, porque haviam se lembrado de informações e detalhes que consideravam importantes para a pesquisa.

Para análise das entrevistas acionou-se a categoria memória, a partir dos referenciais de Halbwachs (2003) e Bosi (2004). Segundo Halbwachs (2003), a memória do indivíduo se constitui a partir da memória coletiva; as rememorações são desenvolvidas a partir de combinações complexas de quadros sociais ressignificados conforme a importância do contexto, inclusive levando ao esquecimento. De acordo com Bosi (2004), as memórias dos velhos têm sido rejeitadas e confundidas com sonhos e devaneios. Segundo a autora, a rememoração desempenha a função de unir o início ao fim, tranquiliza as marcas do caminho, que se desfazem ou se reestruturam.

O presente texto está organizado em três seções. Na primeira, *Marianna Augusto: uma mulher de olhos voltados ao presente*, são exploradas as memórias sobre a trajetória de Marianna desde sua chegada à *Escola de Enfermeiras*, passando por sua formação, constituição da sua profissionalidade e dificuldades encontradas no campo acadêmico; na segunda seção, *Mulheres (não) são pra casar: se rezar, casa e casa bem?* Discutem-se as memórias sobre as formas de auxílio às mulheres, questões morais e sociais que permeavam suas ações e a rede de sociabilidade que viabilizou seus projetos; na terceira seção, *Marianna e a criação da primeira Creche Universitária: uma professora “escolhida por Deus” e ligada à ciência*, apresenta-se a participação da professora na criação da creche, o projeto técnico-científico de implementação e o apagamento sofrido por ela; e as Considerações Finais.

2 Marianna Augusto: uma mulher de olhos voltados ao presente

Marianna Augusto chegou à cidade de São Paulo em 1940 para estudar na *Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo*. A maior parte da sua vida morou no bairro denominado Vila Clementino, na zona sul da cidade de São Paulo, nas proximidades de onde atualmente se localizam a Escola Paulista de Enfermagem e o Hospital São Paulo. Irmã de Esmeralda Augusto, também professora da EPE, nos últimos anos de sua vida morou com seu filho e contou com o auxílio de Maria, que

trabalhou em sua casa por 40 anos, e das filhas de Maria, Tânia e Sandra⁶, que chamava de suas assistentes. Além dos cuidados da casa e da saúde, elas também cuidavam dos livros e faziam leituras para Marianna, já que o envelhecimento a deixara cega.

Figura 1- Marianna Augusto- década de 1970



Fonte: Observatório Escola Paulista de Enfermagem- UNIFESP

De família católica praticante, com exceção de seu pai, que não tinha religião, mas que, segundo Augusto, apresentava ampla visão sobre todas as religiões, carregou essas marcas em sua atuação profissional. Durante a entrevista lhe foi perguntado se na creche por ela fundada existiam práticas religiosas e, então, Marianna rememora parte da sua infância, quando morava na cidade de Bebedouro e frequentava a casa de uma vizinha, mãe de suas colegas de escola.

Nós tínhamos uma vizinha espírita que era professora, uma mulher muito culta. Ela ia me contando o que ela conhecia. Ela conversava muito comigo, eu fazia tudo quanto era pergunta sobre o espiritismo. Sempre me interessei de conhecer todas as religiões budismo, catolicismo e evangélico de todas as linhas. Por toda a vida me interessei muito, porque pensei: - Deus é um só, tudo isso é dele. E foi daí as primeiras noções que eu tive da vida no outro mundo.

[...]

⁶ Ao longo das entrevistas a professora Marianna Augusto destacou a importância dessas mulheres que se dedicavam a cuidar de sua família, entretanto não mencionou os sobrenomes.

Depois nunca mais quis saber das filhas, só da mãe. Troquei a amizade das filhas pela mãe, não é engraçado? Eu acho fantástico (Marianna Augusto, 24 fev. 2018).

A narrativa revela o interesse de Marianna pelas questões religiosas e a importância da vizinha professora que conversava sobre questões caras para a menina e provavelmente não poderiam ser respondidas por sua própria família. Conversas que reverberaram em uma amizade intergeracional e provavelmente impactaram sua formação de base humanista e científica. Sobre o ato de rememorar, Halbwachs (2003) afirma que,

Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos, diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos, conseguimos pensar, nos recordar em comum os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes materialmente, distintos de nós, porque sempre levamos conosco, em nós, certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2003, p. 29-30).

No caso da narrativa de Marianna, uma questão sobre a religiosidade na creche fez com que ela contatasse o passado, talvez esquecido por anos, que pode retornar e ser compartilhado, adquirindo lugar de relevância para a entrevistada. Augusto foi aluna interna da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo e dividia a residência com algumas freiras Franciscanas Missionárias de Maria. Quando cedeu as entrevistas já era quase uma centenária, no entanto rememorava os fatos do tempo em que era estudante de um modo que dava vida àquelas histórias. Sobre esse assunto, Bosi (2004) afirma: “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir “em si” o acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe no objeto e o transforma” (Bosi, 2004, p. 88).

Muitas vezes, Marianna Augusta iniciava um assunto e em seguida mudava para outro, o que poderia parecer não fazer sentido, mas logo suas memórias se materializavam por meio de narrativas coesas e enriqueciam uma história vivida por

ela. Para chegar à história de criação da *Comunidade Infantil*, dizia ser necessário entender a criação da *Escola de Enfermeiras*.

A História da creche é a seguinte... A Escola Paulista de Enfermagem começou como escola de enfermeiras do Hospital São Paulo, [...] é uma história interessante! Você não precisa colocar isso, mas eu vou te contar a história. Os professores da USP e de uma faculdade de medicina do Rio resolveram criar outra escola de medicina aqui em São Paulo, porque não davam conta de receber todos os candidatos. E aí fundaram a Escola Paulista de Medicina, vários professores do Rio e daqui compraram um terreno, empregaram seu próprio dinheiro. Quando foi na hora de pensar na parte de Enfermagem, de quem ia cuidar, **os diretores, que eram homens fantásticos, ricos, tradicionais de São Paulo**, não sabiam como fazer, e foram consultar o cardeal de São Paulo.

[...] O Cardeal Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, **bonito** Rosana, de fazer mal para os olhos!

Ele falou: É uma coincidência muito feliz, porque a igreja católica em São Paulo está pensando como faria para dar instrução para as freiras que trabalhavam nos hospitais, que eram **devotadas, religiosas**, mas não tinham experiência profissional. Tinham uma prática que aprendiam com elas mesmo, então faziam muita coisa de errado, de incompleto para os doentes dos hospitais.

Aí resolveram que iam consultar e pedir indicação ao Papa, quem que podia, que congregações de freiras formadas em países bem avançados que pudessem vir para tomar conta do Hospital São Paulo. E aí vieram as Franciscanas Missionárias de Maria, que a principal sede era em Roma, e eram freiras vindas de todos os países, **moças chiques, educadas, de famílias refinadas**, moças que iam ser freiras e que muitas se encaminhariam para Enfermagem.

[...]

Eram enfermeiras freiras francesas, todas muito **educadas, muito chiques**, que **tocavam órgão que era uma maravilha**, rezavam dia e noite sem parar, **trabalhavam feito umas escravas**. As enfermeiras eram **muito preparadas** e nós tínhamos **aula de balé, de francês, de geografia superior, de inglês, levantava cedinho, às 6 horas nós já estávamos fazendo ginástica**. Aí os anos se passaram, a escola foi muito respeitada por que a **Madre Domineuc era um gênio** [...] (Marianna Augusto, 1 fev. 2018, grifo nosso).

Nota-se a importância que Marianna atribui às enfermeiras quanto aos cuidados dos doentes, visto que esse era um dos quadros sociais a que pertencia. Referia-se aos homens dessa história como fantásticos, ricos e tradicionais, porém salienta que eles não sabiam como fazer o trabalho de Enfermagem. Nesse momento ela apresenta a importância das mulheres em cena e utiliza adjetivos como devotadas, religiosas, chiques, educadas e refinadas. Além disso, valoriza os conhecimentos, afirmando que as alunas eram muito preparadas, “tocavam órgão que era uma

maravilha”, tinham aulas de balé, ginástica, francês, inglês e geografia superior e, ainda, que madre Domineuc era um gênio.

Grande parte das características destacadas no trecho anterior não se refere diretamente à formação de uma enfermeira e sim aos estereótipos sociais de formação para as moças das camadas médias daquela época. Weinstein (1995) nos ajuda a compreender a mentalidade da época a respeito do trabalho das mulheres que,

[...] fora de casa era constantemente descrito como uma necessidade lastimável, mas inevitável (inclusive nas revistas e associações femininas). Nesse sentido, estava em questão o tipo de trabalho considerado adequado ou aceitável com relação às mulheres (Weinstein, 1995, p. 146).

As qualidades e os conhecimentos atribuídos às alunas da Enfermagem, tanto para as freiras como para as leigas, coloca-as em um tipo de trabalho feminino aceitável para a época, para as filhas de determinada classe social. Diferentemente do que ocorria com as camadas baixas, que aprendiam a cozinhar, bordar, costurar, fabricar chapéus, economia doméstica, entre outros (Weinstein, 1995).

A professora iniciou suas atividades docentes na Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo em 1945, ano em que grande parte das alunas já não era freira. Naquele ano, o currículo da escola foi modificado, passando a ter duração de 36 meses, com 6.353 horas, sendo 1.301 de aulas teóricas e 5.052 de aulas práticas, com o objetivo de que as alunas adquirissem habilidades necessárias para cuidar dos doentes (Barbieri; Rodrigues, 2010). Considerando suas condições intelectuais e econômicas, Marianna pôde fazer muitos cursos no exterior durante a década de 1950:

Fiz muitos cursos, fiz curso no Centro Internacional da Infância, eu ganhei também uma bolsa para fazer um curso, não sei se você ouviu falar no Piaget. Então, fiz um curso na Faculdade de Psicologia com Piaget, em Genebra, na Suíça. Era uma coisa fantástica, fantástica! Eles tinham pesquisas experiências que você não pode fazer ideia. Fizeram estudo sobre as mães das crianças em Nova Iorque e em vários países [...]. Tem coisas tão fantásticas no mundo pra gente aprender que você não faz nem ideia! (Marianna Augusto, 1 fev. 2018).

Em decorrência da sua formação e conhecimentos acumulados sobre puericultura, em 1971 fundou a creche Comunidade Infantil⁷; em 1972 seu projeto para abertura do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem na Escola Paulista de Medicina foi aprovado pela Diretoria do Superior do Ministério da Educação e Cultura (Brasil, 1982), e, a partir disso, fundou o curso de especialização em Enfermagem Pediátrica e Puericultura, que visava formar profissionais especialistas nos cuidados com as crianças doentes. Em 1978 criou o curso de Mestrado em Enfermagem Pediátrica, primeiro curso de Mestrado da Escola Paulista de Medicina.

Em entrevista cedida para Gutiérrez, Schirmer e Pedreira (2010), no ano de 2008, Marianna Augusto revelou que as professoras precisaram superar preconceitos sofridos, por parte dos homens, dentro da instituição, para a garantia e conquista do seu espaço enquanto intelectual e acadêmica:

Conta que, no dia de submeter o projeto para análise na universidade, ouviu: "Imagina só, enfermeira não sabe nem o que é PhD". Porém, depois de analisado, o projeto foi aprovado e considerado modelo para a abertura de outros cursos na Unifesp (Gutiérrez; Schirmer; Pedreira, 2010, p.153).

A Escola Paulista de Enfermagem era constituída majoritariamente por mulheres, mas vinculada à Escola Paulista de Medicina, composta em sua maioria por homens. As relações de hierarquia se mantinham com os homens ocupando os cargos de chefia e o reconhecimento intelectual. No entanto, as fontes estudadas apontam para abalos provocados por Marianna Augusto nessas estruturas. A professora enfermeira, valendo-se de seus conhecimentos, cultura e inteligência, adentrou espaços até então ocupados por homens e levou consigo outras profissionais, que serão apresentadas ao longo deste texto.

No ano de 1981 entrou com o processo de número 0729/81, no Conselho Federal de Educação (CFE) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), contendo duas reivindicações. A primeira se referia ao reconhecimento de seu título de Doutorado, obtido na *Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo-USP*, emitido de acordo com o parecer CFE 77/69, e a segunda, para que fosse enquadrada funcionalmente como Professora Colaboradora.

⁷ Comunidade Infantil - Foi o primeiro nome dado ao Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação (NEI-Paulistinha) da Universidade Federal de São Paulo.

A referida petição descrevia suas atividades docentes, cursos realizados desde 1945, suas produções acadêmicas e os cursos de Pós-Graduação fundados por ela. Cita que ocupava um cargo de Professora Colaboradora Adjunto na EPE e que, com o Decreto nº 79.656, de 04.05.77, que federalizou a Escola Paulista de Medicina, foram alteradas as condições de trabalho, salariais e de enquadramento funcional. Em vista disso, passou a ser enquadrada funcionalmente como professora assistente-nível I, por não ter sido considerado o título de doutorado, obtido na Universidade de São Paulo, sob a alegação de que ele foi defendido após abril de 1969 (Brasil, 1982). Declarava que a defesa da tese aconteceu em 1973, por que seguiu o cronograma estipulado pela universidade. Também, que era de conhecimento que portadores de títulos semelhantes haviam sido enquadrados como professores adjuntos nas Universidades Federais de Santa Catarina e de Mato Grosso.

O parecer final da relatoria admitia todos os méritos e a alta qualificação das pesquisas e produções científicas de Marianna Augusto, inclusive citava o reconhecimento de seu título de doutora desde o credenciamento do curso de Mestrado da EPE. No entanto, o resultado do processo foi o seguinte:

Voto do relator

Consoante ao exposto vota o Relator no seguinte, sentido:

- a) Indeferimento do pedido de reconhecimento do título de Doutor na forma como foi solicitado face aos pronunciamentos deste colegiado;
- b) Quanto ao problema de enquadramento funcional deverá a interessada dirigir-se em grau de recurso ao Colegiado competente da Escola Paulista de Medicina (Brasil, 1982).

O processo foi encerrado com o indeferimento das duas solicitações. Não se sabe se a professora foi enquadrada funcionalmente conforme reivindicara, mas as entrevistadas afirmaram que, ocorreram muitas mudanças, consideradas prejuízos para estudantes e docentes, levando ao fim, por exemplo, da moradia estudantil da EPE: “A residência era morar lá para estudar. Quando a escola federalizou, acabou a residência e nós que éramos professoras fomos para casa e as alunas também começaram a providenciar moradia” (Aparecida Mâncio, 24 fev. 2018). O fato de o processo ter sido movido por uma mulher poderia ter incomodado os intelectuais do Conselho Federal de Educação, chegando eles a indeferi-lo e negar suas solicitações? O enquadramento em uma categoria funcional inferior teria sido uma das

artimanhas para impedir que uma professora do curso de Enfermagem tivesse o mesmo cargo e salário de um professor da Medicina? Questões a serem aprofundadas em outras investigações a respeito das mulheres na área da formação da Saúde.

Durante as entrevistas, Marianna se mostrou uma mulher forte e com compreensão das questões de seu tempo. Relatou que chefiou alguns departamentos na EPE, o que lhe possibilitou conhecer muitas mulheres, entre alunas, funcionárias e professoras. Algumas delas fizeram parte de sua vida e foram apresentadas durante as entrevistas. Aparecida Mâncio relembra o período em que trabalhavam juntas:

Nunca foi fácil a convivência, mas ela é muito inteligente, muito boa, criativa. Já te falei as coisas que ela criou no Departamento de Enfermagem [...]. Ela mudou tudo e fez várias coisas na pediatria social e puericultura, vivi o dia a dia com ela, na creche, no curso de pós-graduação. Ela fez dois doutorados, um aqui na USP e um outro. Ela tem dois títulos de doutora, fez as duas defesas na escola. Sempre foi muito respeitada, tem uma sala grande com o nome dela (Aparecida Mâncio, 24 fev. 2018).

O trecho revela a admiração de Aparecida pelo profissionalismo de Marianna, menciona sua criatividade, iniciativas e criações que deram novos rumos à EPE, bem como o respeito conquistado por todos ao longo da sua trajetória. Cabe destacar o reconhecimento de sua trajetória profissional e acadêmica materializado na nomeação de um dos anfiteatros da EPE, que recebeu o seu nome. No que se refere à convivência “não muito fácil”, ainda que não se tenha elementos para aprofundar, talvez fosse consequência das muitas atribuições por ela assumidas, ou ainda questão de personalidade. De toda forma, ao que parece, isso não comprometeu a amizade que as duas conservaram pela vida toda.

Augusto e Mâncio trabalharam juntas durante muito tempo, tanto na Pediatria, como nos cursos de Enfermagem Pediátrica e em outros projetos de Marianna Augusto ligados à proteção materno-infantil. Em meados do século XX, de modo geral, a Enfermagem apresentava centralidade no serviço assistencial, no entanto, a Escola Paulista de Enfermagem, por meio de seu currículo, expressava preocupações para além das assistenciais manifestadas na criação das instituições Amparo Maternal, Comunidade Infantil e Creche do Jardim Sabiá, sendo as duas últimas de responsabilidade de Marianna Augusto (Barbieri; Rodrigues, 2010)

Já no final da década de 1970, com a colaboração de enfermeiras especialistas em Pediatria e Puericultura, entre elas Aparecida Mâncio, Marianna

publicou o manual *Comunidade Infantil - Creche* (Augusto, 1979), como parte de um conjunto de orientações para a coordenação das instituições infantis. O documento estabelecia instruções para a administração, organização e funcionamento das creches.

O prefácio é assinado pelo diretor da Escola Paulista de Medicina, o professor Imídeo Giuseppe Nérici. O professor apresenta de modo elogioso a organizadora da obra, a professora Marianna Augusto, bem como a obra publicada:

Neste prefácio não seria possível omitir o nome de uma criatura notável a Dra. Marianna Augusto, Coordenadora do Curso de Mestrado em Enfermagem Pediátrica da Escola Paulista de Medicina Departamento de Enfermagem, que tem dedicado toda a sua vida à redenção da criança, empenhando-se para que esta seja compreendida em sua fragilidade, fortaleza, potencialidades e promessas. A Dra. Marianna Augusto é criatura de olhos voltados para o presente, quando se empenha em proporcionar um melhor atendimento à criança, e projetados para o futuro, idealizando a formação do cidadão consciente, capaz e responsável.

Idealizadora da presente obra, a Dra. Marianna Augusto, além de ter redigido dois capítulos, estimulou a redação dos demais, orientando para esse fim um conjunto de notáveis enfermeiras pediatras: Esmeralda Augusto, Maria Aparecida Carlini, Maria Aparecida Mâncio, Luiza Harunari. Massae Noda, Maria Lúcia Menezes Régis, Tereza Yoshiko Kakehashi, Dirce Trevisse Prado Novaes, Seiko Kakehashi, Danielle Elizabeth Savina, Renata Fuchs e Maria Goretti Angarten.

A Pediatria e a Puericultura foram premiadas com esta excelente obra, *Comunidade Infantil - Creche*, pelos seus notáveis e úteis aspectos práticos e teóricos.

Imídeo Giuseppe Nérici

São Paulo, 17 de setembro de 1978 (Nérici, 1979, p. 5).

Essa apresentação inicial do renomado professor e diretor da Escola Paulista de Medicina é uma pista para uma aproximação do livro. Tal como afirmou Chartier (1998), “O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação” (Chartier, 1998, p. 8). Essa ordem é bastante evidenciada nas palavras do prefaciador, na proposição do uso da obra. As palavras do professor Nérici operam como uma recomendação aos professores e enfermeiras que trabalham com crianças pequenas, o que Chartier (1996) denominou como panóplia de narrativas que funcionaria como “[...] uma maquinaria [que] deverão [sic] produzir efeitos obrigatórios, garantindo boa leitura” (Chartier, 1996, p. 96).

Ao longo das entrevistas foi revelado por Marianna Augusto que o olhar de projeção do futuro, apontado por Nérici, havia sido aprendido durante seus estudos na França. Segundo ela, logo após a segunda guerra mundial, quando os franceses passavam por uma situação social e econômica difícil, os pais precisavam trabalhar, sem, no entanto, ter creche para deixar seus filhos, tendo o governo adotado a política de remunerar algumas famílias para cuidar de um número específico de crianças durante o dia, favorecendo que os demais pais pudessem trabalhar. Esse projeto evidenciava como premissa os cuidados e educação para a cidadania (Marianna, 1 fev. 2018).

Durante as entrevistas foi possível constatar que a identidade da entrevistada estava ligada diretamente à sua memória e história, provocando o reconhecimento, por ela própria, como parte integrante da constituição dessas instituições e, portanto, retirando-a do anonimato. Nesse sentido, Gagnebin (2005) afirma que a história está sempre ligada a um processo narrativo de si mesmo, diversificado e em movimento, que é atravessado e transformado pela temporalidade, quando o sujeito toma a palavra e rememora acontecimentos. Mas já não é a mesma pessoa de outrora, já que, no caso deste artigo, a professora Marianna Augusto carregava a memória coletiva trabalhada sobre sua memória individual.

3 Mulheres (não) são para casar: se rezar casa e casa bem?

A trajetória da professora Marianna Augusto foi marcada pelas contribuições que ela, dotada de sensibilidade e preocupação com as questões femininas, pôde dar para a educação das mulheres. Rememorou um dado momento de sua vida, muito provavelmente na década de 1960, quando era professora do Curso de Pós-Graduação e Especialização em Enfermagem Pediátrica da EPE, em que ajudou uma enfermeira que trabalhava no Amparo Maternal⁸:

⁸ Amparo Maternal- Instituição criada em 20 de agosto de 1939 na cidade de São Paulo para atendimento a mulheres grávidas solteiras, pobres, mestiças e negras, excluídas pela sociedade por sua gravidez indesejada ou não planejada, muitas delas vivendo nas ruas da cidade de São Paulo. Para saber mais, consultar: Associação Amparo Maternal, disponível em: <https://amparomaternal.org/nossa-historia/>. Acesso em: 06 fev. 2025.

Agora deixa eu te contar uma história interessante [...] havia uma enfermeira da USP, chamada Dirce⁹, que trabalhava no Amparo Maternal. Eu a conhecia de vista. Diariamente às quatro da tarde saía para tomar um cafezinho nos bares, para sair um pouco daquele ambiente da escola [...] (Marianna, 24 fev. 2018).

Um dia observou uma moça chorando e iniciou uma conversa:

Perguntei: -Qual é o seu nome? Ela falou:- Dirce.

Eu falei:-Você me conhece? E ela falou: Conheço muito de nome. A senhora é famosa. E ela falou que trabalhava no Amparo Maternal, na seção de Obstetrícia. Eu falei:-Desculpe, mas porque você tá chorando? Ah, eu vou falar para a senhora. Olhou nos meus olhos e disse:-A senhora merece confiança. Eu tenho muita vontade de me casar. Namoro, mas quando chega perto do casamento sou trocada por outra. Eu levei um fora. Aquele que eu pensei que fosse casar comigo casou ontem com outra e eu estou desesperada. Falei para ela:- Dirce, você tem coragem de perder seu tempo chorando por causa desse homem? E ela me olhou espantada:- Mas, a senhora não acha que é um bom motivo? Eu falei: Não. Eu acho uma bobagem muito grande. Ela perguntou:-Mas o que eu posso fazer? (Marianna, 24 fev. 2018).

A partir da indagação feita pela moça, aproveitou a ocasião e ofereceu uma possibilidade de recomeço:

-Você pode fazer uma coisa muito boa. Não quer ir para França fazer o curso que eu fiz? Voltar e me ajudar? Ela me olhou espantada. - Mas como que eu vou para França? Não sei falar francês e não sei como eu iria. -Pode deixar que eu vou te dar todas as indicações, inclusive onde você vai achar bolsa que vai te levar para lá. Ela falou: A senhora é muito engraçada, fala como se tudo isso pudesse acontecer [...].

Eu falei:- Vai acontecer. Você vai no consulado francês, procura arranjar uma bolsa eu assino todos os papéis que precisar. Eu faço a comunicação com a escola para você ir para Paris.

Ela foi para a França. Para a escola de uma grande faculdade, Escola de Puericultura da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, com um atendimento fantástico, com professores de vários países. Ela foi e ficou dois ou três anos lá. Voltou e me ajudou muito. Até hoje é muito minha amiga (Marianna, 24 fev. 2018).

O relato sobre o destino *natural* das mulheres ser o matrimônio, e as consequentes maternidade e dedicação ao lar merecem um destaque. Bassanezi (2004) aponta que, em meados do século XX, os meios de comunicação, principalmente as revistas femininas, divulgavam um modelo feminino ideal para o

⁹ Dirce Trevisse Prado Novais – Mestre em Enfermagem para Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Enfermeira especializada em Puericultura pela École de Puericulture de la Faculté de Medecine de Paris. Diretora Técnica da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Associação Prudentina de Educação e Cultura-Presidente Prudente (Agosto, 1985, p. II).

casamento. Inclusive afirmavam que as relações sexuais eram proibidas às solteiras, mas permitida aos solteiros, desde que não fossem com suas namoradas e sim com prostitutas, isto é, com as nomeadas *mulheres da vida*. As mulheres viviam sob códigos de moralidade e civilidade impostos por homens e pelas instituições, muitas vezes por eles comandadas. Eram difamadas por serem *namoradeiras* ou, quando eram abandonadas ou *largadas do marido*, todas expressões bastante usuais e que perduraram por décadas, geralmente eram consideradas culpadas pelos malsucedidos relacionamentos, além de lhes serem atribuídas responsabilidades morais pelo fracasso educacional de seus filhos e filhas por problemas emocionais, entre outros.

Retomando o relato sobre Dirce, quando retornou ao Brasil, tornou-se amiga e parceira profissional de Marianna Augusto nos projetos na Escola Paulista de Enfermagem, na Comunidade Infantil e na Creche do Jardim Sabiá¹⁰. Além da área da saúde, Dirce também estudou Direito e se aposentou como juíza do trabalho (Marianna, 24 fev. 2018).

Buscou-se em Bosi (2004) apoio para refletir sobre o relato feito por Marianna Augusto acerca de seu papel na vida da jovem Dirce:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (Bosi, 2004, p. 82).

Bosi (2004) ressalta a importância da escuta para as memórias dos velhos, que, ao narrarem feitos passados, os ressignificam e atribuem ao narrador atividade, ainda que a rememoração precise ser vista como uma representação do passado e não como uma cópia fiel do acontecimento. Em vista disso, as lembranças são reconfiguradas e se adaptam às concepções do presente, conforme afirma Halbwachs (2003).

¹⁰ Creche do Jardim Sabiá - Criada na região de Parelheiros em um terreno doado para construção de moradia para mães e crianças carentes. Além de cuidar das crianças para que as mães pudessem trabalhar, a creche dava assistência médica diariamente com professoras e alunas da EPE. A Creche do Jardim Sabiá foi um dos projetos de Marianna, porém esse assunto não será aprofundado nesta pesquisa, abrindo espaço para futuras investigações.

Na sequência, Marianna relata que, embora tenha conseguido abrir os cursos de especialização, não tinha o número de professoras necessário para implementar o mestrado na Escola Paulista de Enfermagem, por isto lançou mão da estratégia de indicar e orientar suas alunas, como Maria Aparecida Carlini e Maria Aparecida Mâncio, para estudar no exterior, sobretudo na França, com vistas a, em um futuro breve, poderem compor sua equipe de trabalho e projetos acadêmicos.

Sua produção acadêmica demonstra a preocupação com as mulheres e com a formação das enfermeiras. Augusto, Noda e Silva (1988) publicaram uma pesquisa a respeito das opiniões das enfermeiras sobre o planejamento familiar. Afirmam que a escolha dessa população para a pesquisa se deu pelo “[...] fato de as enfermeiras exercerem, concomitantemente à assistência e o ensino, o papel de educadoras em saúde” (Augusto; Noda; Silva, 1988, p. 67-68). A relevância do estudo residia no cenário de reconfigurações sociais na busca pelos direitos civis, após o período da ditadura militar. De acordo com Brasil (1999), a média de filhos por mulher, na década de 1980, era de 4,1 e, embora tenha havido uma queda em relação à década anterior que era de 5,8, ainda era um número elevado e ter conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais se fazia necessário para a saúde das mulheres. Os dados ratificaram a importância da educação oferecida pelas enfermeiras. O estudo de Augusto, Noda e Silva (1988) explicita que o planejamento familiar estava estritamente relacionado à classe social e que, em sua maioria, as entrevistadas afirmaram que a discussão sobre o número de filhos deveria ser do casal e que conheciam os métodos contraceptivos.

A associação da prática ao social e ao rigor científico nas questões profissionais foi notada em vários momentos das narrativas, ainda que a religiosidade se fizesse presente em suas orientações, atividades docentes e acadêmicas.

Quando eu falei para ela assim: -Você tá chorando por causa de homem? Tá cheio de homem na praça. Ela falou:-Mas eu queria tanto me casar e nunca dá certo. Eu falei:- Olha, eu aprendi uma coisa com um grupo americano, para casar-se precisa rezar pra Nossa Senhora. **Se rezar casa e casa bem.** Funciona mesmo. -Eu tinha também me ligado a um grupo religioso que o meu filho frequenta até hoje [...] nos Estados Unidos. Eu aprendi muito na área espiritual e passava tudo isso para as alunas (Marianna, 24 fev. 2018, grifo nosso).

A narrativa expressa que embora tivesse preocupação com a formação das mulheres também as aconselhava sobre o casamento. As duas expressões “Se rezar casa” e “casa bem” indicam os quadros sociais aos quais pertencia, o primeiro da religiosidade e o segundo de uma fração média da sociedade. Sobre a religiosidade revela que:

Uma vez, eu e minha colega estávamos em Paris, fazendo curso, em uma escola que era uma quadra de construção e que tinha alunos de oitenta países diferentes, da África e de outros lugares. Então, você convivia com gente de todas as nacionalidades. Preto, branco, rico, gente que vivia com bolsa etc. E aí, quando ia chegando o dia de finados, o professor de francês, que nós estávamos fazendo curso de atualização, falou que iria dar tarefa por que ia ficar uma semana sem aula. Vocês vão ao cemitério fazer pesquisa. No cemitério e nos jardins da França e da Suíça, tem isso, você bota uma moeda, aperta um botão e sai o histórico daquela pessoa. Então, eu fui ao cemitério considerado o maior de Paris e apertei o botão. Saiu a história do fundador do espiritismo no Brasil, Allan Kardec (Marianna, 24 fev. 2018).

Outras histórias de vida poderiam ter sido escolhidas naquele cemitério, como de cientistas, médicos, mulheres etc., mas a escolha recaiu sobre uma personalidade ligada à religião. A narrativa endossa um interesse manifestado desde a sua infância, remonta à figura paterna e à vizinha. Durante as entrevistas, Marianna Augusto se mostrou uma pessoa muito culta e erudita. Sobre os achados de sua pesquisa revela que:

Allan Kardec foi um sacerdote druida. Sabe quem eram os druidas? Druidas era um povo que vivia em um país longe da França. E o tio de Jesus viajava, era rico, fazia negócios e levava Jesus junto dele. Então, quando ele estava fazendo negócios, o menino ficava em um lugar de oração. E aí havia esse povo chamado os druidas. Os druidas falavam com quem já tinha morrido. Falavam normal, como nós estamos conversando. E daí eu comecei conhecer e saber sobre os druidas através dessa parte histórica ligada a Jesus.

Então, Allan Kardec era um ser muito evoluído, descendente dos druidas, que falavam com os que já tinham ido para o outro mundo, normal, como nós estamos conversando. Então, quanto mais você lê e estuda, mais você começa a ver quão ignorante você é. Daquele dia em diante, eu comecei a entender o espiritismo e Allan Kardec do Brasil de uma forma completamente diferente (Marianna, 24 fev. 2018).

Nota-se que Marianna articula seus conhecimentos adquiridos em seus estudos baseados no catolicismo com as descobertas do espiritismo. Constrói uma narrativa coerente e coesa sobre a origem do espiritismo para que pudesse validar o místico que permeava sua fala. É importante destacar que cada vez que se referia às questões religiosas, justificava-as com seus saberes, com sua expertise e erudição,

tirava-os do campo do senso comum associando-os a uma base científica de conhecimento. Mostrava-se uma estudiosa dessas questões, visto que, durante as entrevistas foi revelado que já havia doado muitos livros aos amigos e alunos, mas ainda guardava muitos outros sobre esse tema.

Ressalta-se que não é objeto deste estudo validar ou refutar as narrativas da professora, mas sim apresentar o modo artesanal como tecia suas memórias. De acordo com Benjamin (1994), a narrativa é uma arte da comunicação que floresceu das camadas populares que tinham pouco ou nenhum acesso à escrita, como os artesãos, camponeses e pescadores. É composta por elementos de ensinamentos morais, sugestões práticas e normas de vida. Diante disso, cabe ao historiador apresentá-las não como modelos únicos de história, ou como simples descrições, mas como uma constituição criada a partir de uma visão de mundo.

Marianna Augusto revela que todos conheciam sua espiritualidade e que um dia aprendeu a fazer horóscopo. Nas horas vagas, era procurada para fazer o horóscopo das colegas de trabalho e, segundo ela, sempre dava certo. Narra um episódio quando ajudou na escolha do nome da filha de sua amiga Kelly:

-Marianna, eu queria que você fizesse horóscopo para dar um nome para minha menina que vai nascer. Eu falei:-Eu posso fazer. Você me dá dez nomes que você gostaria [...]. Eu fiz os cálculos do nome da menina, eram todos nomes americanos e nada dava certo. O único que deu certo era Catherine, em francês. E ela colocou esse nome na menina. Hoje é casada com um turco e tem duas crianças. Ela mora nos Estados Unidos e no dia que derrubaram as torres gêmeas, ela estava de plantão em um hospital em Nova York (Marianna, 24 fev. 2018).

Para Augusto, o sucesso da menina no âmbito pessoal e profissional deveu-se à escolha de seu nome. Declarava-se “[...] muito interessada na revolução técnico-científica, e em evolução espiritual e acho que viemos ao mundo para fazer alguma coisa” (Marianna, 24 fev. 2018). Observa-se ainda que foi citado que Catherine era casada com um turco. Segundo Marianna, ele havia ajudado a moça durante o socorro a um acidente e se casaram pouco tempo depois. A questão do casamento é uma constante nas narrativas. Quando apresenta Dirce, Kelly e Catherine como profissionais da saúde, não abandona a ideia de associá-las ao casamento, apontando para um elemento que considerava essencial na vida da mulher adulta.

As narrativas indicam que a professora era solícita no auxílio a mulheres e contava com sua rede de sociabilidade para a execução de seus projetos. Kelly era norte-americana, formada em Enfermagem e trabalhava na Escola Paulista de Enfermagem. Segundo Marianna Augusto, ela era muito rica e veio ao Brasil para acompanhar o marido, diretor do Banco de *Boston*, de São Paulo. Depois de um tempo voltaram a morar nos Estados Unidos. Para que os filhos, Catherine e Matheus, não perdessem o contato com a Língua Portuguesa, pediu à Marianna Augusto que indicasse uma jovem para morar em sua casa, auxiliar nos cuidados de suas crianças e exercitar com elas a língua portuguesa. A professora Augusto indicou sua sobrinha Esmeraldinha:

Nem inglês sabia falar. Aí botei no avião, expliquei tudo. Falei que ela tinha que descer no aeroporto com a bandeira brasileira, com uma rosa vermelha na mão. Ela ficou na casa da Kelly. E foi extremamente eficiente e feliz lá (Mariana 24 fev. 2018).

Esmeraldinha voltou anos depois e outras duas sobrinhas foram enviadas em diferentes períodos. Morar no exterior, se se considerar a reincidência de aconselhamentos para que as jovens tivessem esta experiência, era visto pela professora Marianna Augusto como uma oportunidade de estudos, de ampliação cultural e provavelmente como um elemento diferenciador na formação das jovens brasileiras.

4 Marianna e a criação da primeira Creche Universitária: uma professora “escolhida por Deus” e ligada à ciência

O Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação (NEI-Paulistinha) foi fundado por Marianna Augusto no ano de 1971. Foi a primeira creche universitária brasileira e recebeu o nome de Comunidade Infantil. Após esta iniciativa, outras creches universitárias foram criadas na mesma década, como a Creche Francesca Zácara Faraco, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Centro de Educação Infantil Criarte, da Universidade Federal do Espírito Santo, a Unidade Acadêmica de Educação Infantil, da Universidade Federal do Mato Grosso, a Unidade Integrada de Educação Infantil, da Universidade Federal de Viçosa e o Núcleo de Educação da Infância, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além de

outras nas décadas seguintes, totalizando 26 creches universitárias no Brasil (Oliveira, 2019).

Atualmente a Escola Paulistinha de Educação está localizada na Rua Varpa, 54 - Vila Clementino¹¹, bairro de classe média alta, situado na zona sul, área nobre da cidade de São Paulo, próxima ao Parque do Ibirapuera. Inicialmente atendia os filhos de mulheres que exerciam as funções de médicas, enfermeiras, chefes de departamento, professoras e de alunas da Pós-graduação da Escola Paulista de Enfermagem e da Escola Paulista de Medicina. Marianna Augusto rememora o momento de sua indicação e os motivos para a criação da creche:

Quem me escolheu foi Deus! Foi Deus que me escolheu, não fui eu! Porque a creche foi fundada a partir de um desajuste da secretária da madre Áurea, que era a diretora da escola. Como eu é que lidava com criança, a madre me chamou e falou:

-Mariana, o que é que nós vamos fazer? Está acontecendo isso, isso, isso. A Suzana está desesperada, não pode ficar trabalhando mais comigo e ao mesmo tempo ela precisa do trabalho, mas ela tem três crianças. Ela era separada, desquitada não sei o quê, e era irmã de uma professora da Escola. Aí eu falei:-A senhora me cede uma sala e por enquanto, duas atendentes que eu conheço, para elas cuidarem das crianças, e vamos começar por aí. Depois vou ver o que acontece. E foi daí que nasceu a creche (Marianna, 1 fev. 2018).

Inicia a narrativa com uma marca de sua identidade ligada à religiosidade. Seu lugar de fala remete aos quadros familiares e aos tempos em que era aluna da Escola de Enfermeiras sob a direção de freiras franciscanas. Segue o relato:

Suzana tinha duas filhas que ficavam com a empregada. Um dia foi para casa chamada por um vizinho, para ir com urgência. Quando ela chegou, a empregada tinha aberto o botijão de gás e saído, deixando as crianças respirando gás. Ela voltou com as meninas para a escola e estava desesperada! E falou:-E agora, madre, o que eu faço? Eu tenho que trabalhar! Então, a madre me falou: Marianna, o que nós vamos fazer? Eu falei:-A senhora me dá uma sala, e me cede duas atendentes que trabalham aqui na escola e que eu conheço bem, para cuidar das crianças até a gente resolver o resto! Aí, a madre me cedeu uma sala, que era no primeiro andar, ou no andar térreo, não me lembro, e duas atendentes muito educadas. O pessoal que trabalhava na escola era muito educado para cuidar das crianças, dar

¹¹ Vila Clementino-No final do século XIX era conhecida como bairro do Matadouro Municipal. Prosperou com a chegada dos imigrantes que fundaram fábricas e comércios naquele lugar, além dos hospitais e áreas de lazer. Hoje é considerada região nobre da cidade de São Paulo, localizada próxima aos bairros de Vila Mariana e Moema. Os habitantes possuem alta renda média, em torno de R\$ 3,6 mil mensais, bem acima do índice do município, que é de cerca de R\$ 1,3 mil, alta escolaridade em nível médio, de 71,34% em relação à média de 33,68% do município. Fonte: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/vila_mariana/historico/index.php?p=416 . Acesso em 22/02/2025.

comida, trocar, nada de grandes serviços técnicos, o que elas sabiam fazer era como uma mãe (Marianna, 1 fev. 2018).

A narrativa rememora os tempos de criação da creche. Utiliza como motivo um acidente na casa de Suzana, mas muito provavelmente suas memórias estejam impactadas pelo presente, visto que, de acordo com Oliveira (2019, p. 106), “Suzana revela que nunca deixou as crianças com empregada, e que precisou solicitar o atendimento porque sua mãe, que ajudava a olhar as crianças, havia adoecido e não tinha mais condições físicas de cuidar das meninas!”.

As memórias de Marianna revelam o reconhecimento daquele episódio para a escrita de uma história da Comunidade Infantil e, diante disso, a justificativa utilizada se faz da maior relevância para a abertura daquela instituição. A esse respeito, Bosi (2004) explica que, de acordo com Bergson, o passado conserva-se e atua no presente, assim sendo acionados dois tipos de memórias: memória-hábito, que é parte do cotidiano e adquirida pelo adestramento cultural, e a memória-sonho, que evoca espontaneamente pontos mais distantes com menos rigidez. Na narrativa acima é possível localizar os dois tipos de memórias, memória-hábito quando apresenta a responsabilidade atribuída à dupla jornada de mãe e trabalhadora, e a memória-sonho quando utiliza um motivo plausível, talvez vivido ou observado em outra situação. Diante dessa análise, é possível afirmar que o seu cuidado foi o de mostrar as relações “[...] entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção” (Bosi, 2004, p. 49).

Além do espaço, a professora havia solicitado à mãe Áurea duas atendentes “muito educadas”, pois, para ela, era importante que os cuidados oferecidos na creche fossem iguais aos de uma mãe. Sobre as crianças atendidas, lembra que:

Essas três meninas eram de idades diferentes. Bebês de dois anos, três anos, me lembro, e maiorzinhas. Como elas foram muito bem tratadas, deu muito certo, vinham outras professoras médicas pedir para deixar a criança lá. Começou a creche desta maneira e seguiu de uma maneira técnico-científica muito aprimorada.

Quando as médicas ficaram sabendo e iam visitar e viam que as crianças eram melhores do que as que elas deixavam em casa com a empregada, começaram a pedir para deixar as crianças lá. E aí começou a creche de verdade (Marianna, 1 fev. 2018).

As três primeiras crianças da creche foram Alessandra e Daniele, filhas da secretária Suzana, e Hugo, filho de Maria Gaby, então professora da Escola Paulista

de Enfermagem. Com o aumento do número de crianças, as preocupações se intensificaram, entre elas a qualificação das pessoas que ali trabalhavam. Para tanto, a professora Augusto fazia uso de sua rede de sociabilidade para articular a vinda de profissionais para palestrar e ofertar cursos na creche:

Aí eu consegui a vinda de uma prof. dos Estados Unidos, que morou no Brasil. Falava português muito bem, minha amiga até hoje, Keren, falava várias línguas. De vez em quando a APAE contratava professoras americanas e inglesas para dar estimulação, aí eu convidava elas para fazerem seminários na escola. E assim foi indo, foi um projeto muito bem-feito, seguindo a França, para instalação da creche, e foi cada dia desenvolvendo, cada dia melhorando, a ponto que, depois, as médicas da Escola Paulista queriam porque queria, botar seus filhos lá, claro! Por que ficava melhor que do que deixar com uma empregada sozinha, né?! E todo mundo casa ou não casa, mas tem filho, tinha que cuidar (Marianna, 1 fev. 2018).

O trecho revela que a professora buscava os referenciais internacionais mais atuais da época para a implementação da creche. Além da puericultura, também se preocupava com a parte pedagógica e, para tanto, foi contratada a primeira professora, que se chamava Carlini. Situação inusitada para aquele momento, visto que na década de 1970, as creches apresentavam como função prioritária o cuidar. No entanto, como a Comunidade Infantil atendia aos filhos e filhas de mulheres que, em sua maioria, ocupavam postos de destaque na Escola Paulista de Enfermagem e de Medicina, a preocupação com uma educação pré-escolar se fez presente.

De acordo com Oliveira (2019), Maria Aparecida Carlini, formada pela Escola Complementar Padre Anchieta, psicóloga e pedagoga pelo *Institute Nacional de Recherches Pedagogiques* do Ministério de Educação Francês, foi a única profissional da área da educação infantil durante aquela década e, as demais funcionárias pertenciam à área da saúde. A pedagoga foi uma das colaboradoras do manual *Comunidade Infantil – Creche* (1979) com a escrita do Capítulo 5 do Manual, intitulado O Ritmo Diário de uma Criança na Creche, que aborda o processo de admissão da criança na creche, os procedimentos de seleção e matrícula, a organização dos ambientes, além da divisão dos grupos e estabelecimento de uma rotina voltada aos aspectos pedagógicos (Oliveira, 2019). Além das ações consideradas de vanguarda, Marianna Augusto organizou os manuais *Comunidade Infantil – Creche* 1979 e 1985, que tratavam de questões essenciais para a organização de uma creche, além de orientações para as mães.

Durante a década de 1980, a creche deixou de funcionar no prédio da Escola Paulista de Enfermagem, tendo sido transferida para outro endereço. Devido a sua dedicação à Pós-Graduação da EPE, Marianna foi se afastando das atividades da creche, outras pessoas foram sendo contratadas, e aos poucos a história da criação e de seus sujeitos foi sendo esmaecida. Ainda na década de 1980, “[...] os funcionários desse outro momento afirmavam que nunca tinham ouvido falar. “Não conheço! Quem é Marianna Augusto? [...] Carlini também não conheci. Ela era da Enfermagem também? Não estava lá quando cheguei” (Oliveira, 2019, p. 166).

Em 1996 a creche passou a atender bebês e crianças do ensino fundamental 1, e teve seu nome alterado para Paulistinha (Oliveira, 2019). A professora Marianna Augusto expressava de modo peremptório sua discordância com a alteração do nome:

[...] que passou a trabalhar lá na administração da Escola Paulista de Medicina passou tudo isso para o nome da Paulista. Ficou com essa besteira de chamar de Paulistinha. Na verdade, deveria chamar creche ou madre Domineuc, que era o nome da fundadora da escola, ou madre Áurea, que foi na gestão dela que a creche foi fundada. Infelizmente, passou tudo para a Paulista como se fosse da Medicina. Como se a medicina tivesse algum interesse, capacidade de fazer aquilo (Marianna, 1 fev. 2025).

Aqui cabem dois apontamentos. O primeiro é o da presença constante das marcas religiosas que a acompanharam ao longo de sua vida, por isto a indicação de que, se houvesse a necessidade de mudar o nome, que fosse para uma das religiosas fundadoras, ou madre Domineuc ou madre Áurea, visto que a primeira foi a responsável pela Escola de Enfermeiras e a segunda quem autorizou e proporcionou condições, mesmo que ainda não ideais, para a abertura da creche. O segundo é a leitura *sui generis* que fez de Paulista e Paulistinha, como uma referência à Escola Paulista de Medicina, sem sequer cogitar que fosse à Escola Paulista de Enfermagem.

Pode-se afirmar que, ao longo de aproximadamente quatro décadas, a figura de Marianna Augusto obteve reconhecimento no tocante a sua atuação como docente da Escola Paulista de Enfermagem, ao mesmo tempo que passou por um processo de apagamento das questões relativas à Comunidade Infantil/Paulistinha, o que foi retomado na segunda década do século XXI, por meio de estudos sobre a história dessa instituição, sobretudo o de Oliveira (2019) e Silva (2022).

Marianna nunca dissociou a história da *Comunidade Infantil*, depois *Paulistinha*, e atualmente Núcleo de Educação Infantil-Escola Paulistinha de

Educação (NEI-Paulistinha) da história da Escola Paulista de Enfermagem. Ao encerrar o segundo e último dia de entrevista, quando a pesquisadora perguntou se teria algo a mais que gostaria de relatar, ela respondeu: “Eu não estou lembrando de nada, tem milhões de coisas, mas não lembro de nada. Mas a hora que você quiser, ou se quiser uma outra informação, você me telefona” (Marianna, 24 fev. 2018).

A expressão “não me lembro” acompanhou os relatos da professora. De acordo com Braga (2004), o trabalho cerebral do esquecimento é essencial para garantir a saúde do indivíduo e, tendo em mente que a memória e o esquecimento estão ligados diretamente ao período de vida relacionado, pode-se afirmar que “[...] quem esquece não é um organismo, um cérebro. Quem esquece é uma pessoa” (Braga, 2004, p. 596). A professora, quase centenária, usou suas conexões com o vivido para dar vida a uma história já distante, a voz trêmula pôde ensinar o aprendido.

5 Considerações finais

A realização deste estudo foi possível porque a memória de velho teve vontade de falar, quis apresentar a sua importância na sociedade de consumo, na qual os velhos são vistos como não produtores. De acordo com Bosi (2004), as memórias são trabalhos reflexivos que revelam sentimentos, não como uma repetição do estado antigo, mas, sim, como uma reaparição dotada de moralidade evocada pelos quadros sociais.

As memórias de Marianna Augusto revelaram muitas outras mulheres como madre Domineuc, madre Áurea, sua irmã Esmeralda Augusto, as colaboradoras Maria, Tânia e Sandra, a vizinha professora, a amiga Aparecida Mâncio, a enfermeira Dirce, a professora Carlini, a amiga Kelly, a Catherine, a Esmeraldinha, a amiga Keren e suas sobrinhas. Nota-se que as mulheres apresentadas por Marianna fizeram parte de sua vida pública, mas principalmente da sua vida privada e pertenciam aos quadros sociais profissionais, escolares, de vínculos de amizades da professora.

Além das mulheres reveladas pelas memórias da professora, outras também constituíram essa história como as mães Suzana e Maria Gaby, as meninas Alessandra e Daniele, e outras que não foram nomeadas, mas cuja presença se fez relevante nas narrativas, como as enfermeiras, as alunas, as mães e as atendentes. Os homens apareceram mais discretamente, como o cardeal Dom José Gaspar de

Afonseca e Silva, “que era bonito de fazer mal aos olhos”; o diretor da Escola Paulista de Medicina, Imídeo Giuseppe Nérici, o relator do Conselho Federal de Educação do MEC, o marido da sua amiga que era diretor do Banco de Boston, o rico marido turco da Catherine. Ainda que pouco detalhados, estavam quase sempre em condições hierárquicas ou financeiras superiores às das mulheres.

As memórias expressam não somente o olhar individual, mas um amalgamado com o olhar do outro, que se forma coletivamente. As análises a partir dos quadros sociais permitiram entender as memórias explicitadas e as silenciadas que se manifestaram em função de uma organização que acatou as regras institucionais e morais impostas, ainda que de forma velada ou naturalizada.

As memórias de Marianna trouxeram à baila jogos de poder, estigmas de gênero, forças coercitivas e morais, muitas vezes naturalizadas em uma sociedade patriarcal. As memórias de Marianna Augusto revelaram histórias contadas que podem render outras investigações. Foram capazes de representar o vivido sem se preocupar com a veracidade, mas, sim, com a união do início ao fim, tranquilizando as marcas de seu longo caminho. As memórias e as histórias de Marianna merecem ser contadas, bem como a de outras tantas mulheres, enfermeiras, professoras e intelectuais precisam ser contadas.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Marianna. **Conhecimentos populares a respeito da alimentação infantil, das mulheres que frequentam os serviços de higiene pré-natal e higiene infantil do ambulatório da Escola Paulista de Medicina**. 1972. 107 f. Tese (Doutorado em Saúde) - Escola de Enfermagem- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

AUGUSTO, Marianna; NODA, Massae. **Enfermeira pediatra em terapia intensiva**. São Paulo: Sarvier, 1978.

AUGUSTO, Marianna. **Comunidade Infantil: creche**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979.

AUGUSTO, Marianna. Experiência de integração docente assistencial na área de pediatria social desenvolvida em uma comunidade da periferia de São Paulo, abrangendo assistência, ensino e pesquisa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, n. 36, v. xx, p. 50 -71, mar.1983. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vPNBRsZKDrTQtsHK3mWRMMr/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2017.

AUGUSTO, Marianna. Análise das linhas de pesquisa utilizadas na pós-graduação de enfermagem da E.P.M. **Anais do 3º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina**. Santa Catarina: Ed. UFSC, 1984, p. 286 - 92.

AUGUSTO, Marianna. **Comunidade Infantil: creche 2**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

AUGUSTO, Marianna. O conhecimento da pesquisa científica e a prática de enfermagem. **Revista Hospital Modelo**. São Paulo: Hospital Modelo, 1986, p. 6-7.

AUGUSTO, Marianna. A importância da pesquisa em enfermagem (1990). **ACTA- Paulista da Enfermagem**. São Paulo: EPE, v. 3, n. 3, p. 103-105, mar. 1990. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/a-importancia-da-pesquisa-em-enfermagem/>. Acesso em: 05 jan.2025

AUGUSTO, Marianna; NODA, Massae; SILVA, Maria Lúcia M. Régis da. Conhecimento e opiniões de enfermeiras que trabalham no município de São Paulo a respeito de alguns aspectos do planejamento familiar. **ACTA- Paulista da Enfermagem**. São Paulo: EPE, v. 1, n. 3, p. 66-72, mar. 1988. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/conhecimento-e-opinioes-de-enfermeiras-que-trabalham-no-municipio-de-sao-paulo-a-respeito-de-alguns-aspectos-do-planejamento-familiar/>. Acesso em: 05 jan.2025

AUGUSTO, Marianna; NODA, Massae; NAGANUMA, Masuco (org.). **Anais do 1º Seminário Sul-Americano de pesquisa em enfermagem nas áreas de saúde da mulher e da criança**. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, jul. 1990.

BARBIERI, Marcia; RODRIGUES, Jaime. Da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo ao Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina (1937-1977). In: BARBIERI, Marcia; RODRIGUES, Jaime. (org.) **Memórias do cuidar: setenta anos da Escola Paulista de Enfermagem**. São Paulo: Editora Unifesp, 2010, p. 19-94.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 509-536.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRAGA, Elisabete Silva. Esquecer para lembrar e ser. *In*: MENEZES, Maria Cristina. (org.) **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, p. 573-600, 2004.

BRASIL. **Parecer 77/69**. Normas do credenciamento dos cursos do pós-graduação. Conselho Federal de Educação- MEC, 1969. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362000000200008. Acesso em: 10 jul. 2017.

BRASIL. **Decreto nº 79.656, de 4 de maio de 1977**. Autoriza incorporação à Escola Paulista de Medicina, dos cursos atualmente ministrados pela Escola Paulista de Enfermagem, 1977. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79656-4-maio-1977-428596-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. 1999 – IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BRASIL. **Parecer 312/82**. Reconhecimento do título de doutor, obtido na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo de acordo com o Parecer nº 77/69 do CFE. Conselho Federal de Educação- MEC, 1982. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cd010881.pdf>. Acesso em 10 jul. 2017.

CARMAGNANI, Maria Isabel Sampaio; PEREIRA, Sonia Regina, SILVA Maria da Graça Barreto. Inserção e impacto social da Escola Paulista de Enfermagem no cenário paulista. *In*: BARBIERI, Márcia; RODRIGUES, Jayme (org.) **Memórias do cuidar**: setenta anos da Escola Paulista de Enfermagem. São Paulo: Editora Unifesp, 2010, pp. 167 - 204.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1998.

GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. **75 x 75- EPM/Unifesp**: uma História, 75 vidas. São Paulo: Unifesp, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GOMES, Angela Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação- intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Angela Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização, 2016, pp. 7- 40.

GUTIÉRREZ, Maria Gaby Rivero; SCHIRMER, Janine; PEDREIRA, Mavilde da Luz Gonçalves. Desenvolvimento da Pós-graduação na Escola Paulista de Enfermagem/ Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo: Resgate Histórico. In: BARBIERI, Márcia; RODRIGUES, Jayme (org.) **Memórias do cuidar**: setenta anos da Escola Paulista de Enfermagem. São Paulo: Editora Unifesp, 2010, p. 139 - 166.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. Prefácio. In: AUGUSTO, Marianna. **Comunidade infantil**: creche. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979, p. v.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. Memórias de Marianna Augusto: um cabedal infinito. In: SILVA, Dilma Antunes *et al.* (orgs.) **50 anos da Paulistinha (1971-2021)**: conquistas, memórias e desafios. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022a, p. 27 - 32.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. Nos tempos da creche: memórias das infâncias em foco (década de 1970 a 1990). In: WARDE, Mirian Jorge; OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de (orgs). **História da Educação**: sujeitos, objetos e práticas. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022b, p. 261 – 281.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. **Paulistinha, a creche universitária da UNIFESP**: a construção identitária de uma história multifacetada (1971 a 1996). 2019. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. Práticas do Cotidiano de uma Creche Universitária: A Paulistinha (décadas de 1970 e 1980). XII COLUBHE - Anais de trabalhos completos - v. 5. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2021, p. 368 – 381.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. Uma instituição criada para a infância: de Comunidade Infantil à Paulistinha (1971 a 1996). In: SILVA, Dilma Antunes *et al.* (orgs.) **50 anos da Paulistinha (1971-2021)**: conquistas, memórias e desafios. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 121-142.

OLIVEIRA, Rosana Carla de; COSTA, Felipe de Souza. Memórias em diálogo: notas sobre pesquisas em análise do discurso e história da educação (década de 1980). In: PANIZZOLO, Cláudia; NEVES, Diego Benjamim (orgs.). **Memórias arquivadas e o patrimônio da rede municipal de São Paulo**: desafios e possibilidades das pesquisas em História da Educação. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022, p. 253 - 273.

OLIVEIRA, Rosana Carla de; PANIZZOLO, Claudia. Comunidade Infantil: práticas do cotidiano de uma creche universitária na década de 1970. **Linguagem, Educação, Sociedade**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, Ano 25, n. 46, p. 165–193, 2020. DOI: 10.26694/les.v0i46.11253. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1043>. Acesso em: 10 jan, 2025.

OLIVEIRA, Rosana Carla de; PANIZZOLO, Claudia. De Comunidade Infantil à Paulistinha: a história de uma Instituição Educativa (1971-1996). Dossiê Instituições, História e Patrimônio Cultural, **Cadernos de Educação**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, n.67, 2023, p. 1 - 22. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/24214-Texto%20do%20artigo-94151-1-10-20231017.pdf>. Acesso em: 10 jan, 2025.

PANIZZOLO, Claudia. 50 anos da Paulistinha: festejar para rememorar. SILVA, Dilma Antunes (org.) et al. **50 anos da Paulistinha (1971-2021): conquistas, memórias e desafios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 13 - 26.

ROSEMBERG, Fulvia. O Movimento de Mulheres e a Abertura Política no Brasil: o caso da creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 51, p. 73–79, 1984. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1462>. Acesso em: 22. fev. 2025.

SÃO PAULO. **Vila Mariana**: histórico. Subprefeitura de Vila Mariana- PMSP. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/vila_mariana/historico/index.php?p=416 Acesso em 22/02/2025.

SILVA, Dilma Antunes (org.) **50 anos da Paulistinha (1971-2021): conquistas, memórias e desafios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1996, pp.231-70.

SIRINELLI, Jean- François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Tradução Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998, pp. 259-79.

UNIFESP. **A História da EPE contada a partir das placas dos anfiteatros**. Observatório EPE. Escola Paulista de Enfermagem. Disponível em: <https://observatorioepe.unifesp.br/blog/a-historia-da-epe-contada-a-partir-das-placas-do-anfiteatros> . Acesso em: 11 abr. 2025.

WEINSTEIN, Barbara. As Mulheres Trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 143–171, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1766>. Acesso em: 24 jan. 2025.

Recebido em dezembro/2024 | Aprovado em março/2025

MINI BIOGRAFIA

Rosana Carla de Oliveira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Paulo- Unifesp. Docente na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo -COPED/DIEFEM na formação de formadores de professores alfabetizadores, na produção e elaboração de materiais didáticos e documentos orientadores. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Infância, Cultura, História- GEPICH.

Email: rosanatts1@gmail.com

Claudia Panizzolo

Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e Estágio Pós Doutoral na Universidade de Caxias do Sul (Brasil) e na Università degli Studi Del Molise (Itália) em 2019. Professora Associado IV do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo -UNIFESP. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infância, Cultura, História-GEPICH.

Email: claudia.panizzolo@unifesp.br